

# MULHERES EM BUSCA DE NOVOS ESPAÇOS: SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

**Rachel Soihet**

*Resumo: Analisar as representações acerca de um dos momentos cruciais de tensão no relacionamento entre os gêneros no Rio de Janeiro, desde a segunda metade do século XIX até o final dos anos 1930, constitui-se o objetivo da minha pesquisa. Pretendo focalizar as formas de oposição masculina às reivindicações femininas de participação na esfera pública que oscilavam, desde as justificativas mais sutis, acerca da delicadeza feminina até o tom cáustico, irônico, escarnecedor, presente em variados discursos, escritos e pictóricos, buscando-se ridicularizar as mulheres que enveredavam por uma participação mais plena na sociedade. Também analisar as atitudes femininas com relação a esse antagonismo e as réplicas por elas veiculadas constitui meu objeto de análise.*

*Palavras-chave:* imagens femininas; relações de gênero; representações sociais.

A análise de formas de representação, através das quais as tensões entre homens e mulheres se expressavam, entre fins do século XIX e os anos 1930, no Rio de Janeiro, constitui-se na temática do projeto que venho desenvolvendo. Tais tensões derivavam das diversas formas de reação masculina às reivindicações femininas de participação na esfera pública e suas respectivas réplicas. A dimensão que tenho priorizado relaciona-se ao tom cáustico, irônico, escarnecedor, presente em variados discursos, escritos e iconográficos, com relação às mulheres que enveredavam pela reivindicação de direitos e por uma participação mais plena na sociedade, inclusive, no âmbito do cotidiano, na época citada. Visa, igual-

mente, analisar as atitudes femininas com relação a esse antagonismo. Sejam elas de conformismo, na medida em que incorporam, introjetam, ou mesmo concordam com os discursos veiculados pela cultura dominante, ou contrapondo-se a estes, quer através de movimentos organizados, quer através de formas de expressão variadas, entre elas, a literatura.

O período escolhido para a abordagem se justifica, pois marca os limites temporais aproximados da primeira vaga de movimentação mais acentuada de mulheres pela participação na sociedade em vários âmbitos. Atravessa, portanto, as conjunturas finais do Império, a Primeira e a Segunda República, quando o movi-

mento atinge algumas das suas reivindicações. O golpe de 1937, aliado às condições internacionais, constituíram-se num fator de esmaecimento desse movimento.

Também, busco detectar um clima similar de tensão entre gêneros no seio de segmentos populares, igualmente, decorrente de iniciativas femininas de acesso a espaços considerados masculinos, e/ou da assunção pelas mulheres de comportamentos, práticas e atitudes, consideradas como próprias dos homens. Assim, busco identificar formas de expressão dessas condições de gênero entre os segmentos populares, a fim de articular mais adequadamente o gênero com a classe e a etnia, visando a um melhor perfil do objeto de análise. Especialmente, os processos criminais têm sido utilizados como fonte, assim como o noticiário policial dos jornais do momento focalizado. Neles pode-se observar o discurso utilizado pelos representantes do judiciário e pelos veículos de informação da época para noticiar os casos de violência passional, onde o principal alvo era o estabelecimento de normas diferenciadas para os dois gêneros. Observa-se, porém, que, apesar de ocorrer a circulação desses valores, ocorriam diferenças em relação ao que se idealizava. Ao contrário dos estereótipos, acerca da submissão feminina, as mulheres vitimadas inúmeras vezes rebelaram-se contra os maus-tratos de seus companheiros, considerando-se, em sua maioria, merecedoras de direitos iguais aos dos homens com que conviviam. Posteriormente, iniciei a pesquisa em músicas populares, a fim de constatar como tais contradições de gênero eram aí representadas.

Voltando ao aspecto inicialmente focalizado, devo destacar que foram en-

contradas inúmeras contribuições. Através de peças teatrais, da literatura, de crônicas e por diversas matérias na imprensa – jornais e periódicos – observa-se oposição aos clamores femininos pelo acesso à participação na sociedade em condições igualitárias. Ridicularizam-se as militantes, representando-as como masculinizadas, feias, despeitadas e, mesmo, amorais, no que conseguiam grande repercussão, não sendo poucos os homens comuns que endossavam tais opiniões, através de depoimentos e cartas aos jornais. Nesse particular, lança-se mão de inúmeros artifícios, dentre eles o de que “só as muito feias hão de querer se emancipar... coitadas! as bonitas não” porque a elas nunca faltará um adorador. E, sem mais delongas: “[...] Que nos importa as feias! Salvem-se as belas, que a humanidade se aperfeiçoará”. Aliás, é recorrente a preocupação em acentuar o caráter imprescindível da beleza para as mulheres.

Minha hipótese, que vejo confirmar-se, é a extrema força dos discursos cômicos que visava reconstruir, cotidianamente, os mitos da inferioridade e domesticidade feminina, constituindo-se em importantes armas contrárias à luta de emancipação feminina. À primeira vista, esta maneira burlesca de apresentar as mulheres empenhadas na luta por direitos não guardaria maiores conseqüências, visando apenas a divertir o público leitor. Depreende-se, porém, dessas atitudes, o temor da perda do predomínio masculino nas relações de poder entre gêneros, percebendo-se um aspecto perverso nessas insinuações, o que me faz enquadrar tais colocações numa das modalidades de violência simbólica contra as mulheres. Isto, porque a reiteração da comicidade na abordagem de suas

reivindicações tende a difundir uma imagem em voga, acerca das feministas como “viragos”, pesadas como elefantes, perigosas, feias... Imagens que se contrapõem ao ideal feminino, constantemente reatualizado de beleza, meiguice, delicadeza, paciência, resignação, o que não poucas vezes leva mulheres a rejeitar sua inserção no feminismo e até a combatê-lo.

No que tange à perspectiva teórico-metodológica que embasa minha análise, devo ressaltar, em primeiro lugar, os propósitos de articulação entre História Cultural e História de Gênero. No que tange às discussões sobre as questões de gênero, sabedora do avanço que tais contribuições representam, impossíveis de serem desconsideradas por todos(as) que se disponham a enveredar por esse campo, a todo tempo, busco incorporá-las à minha pesquisa. Destaco, igualmente, alguns conceitos como o de violência simbólica e a relação poder/resistência.

Considero as observações do historiador Roger Chartier sobre as diferenças entre os sexos e dominação simbólica de extrema importância. Especialmente, porque as atitudes apresentadas, quanto à ridicularização de mulheres que lutavam por seus direitos, afiguram-se para mim como uma forma de violência simbólica. Questões outras como a dicotomia privado/público, tempo linear e progressista, o binômio dominação/subordinação são, igualmente, objeto de problematização, em favor de refinamentos vários. Dentre estes, o enfoque do privado e do público como uma unidade, dos contra-poderes femininos, ou numa outra linguagem, da resistência feminina. Finalmente, enfatizo que a abertura dos(das) historiadores(as) para os papéis informais, visíveis apenas através

do enfoque do cotidiano, constitui-se no recurso possível para a obtenção de pistas que possibilitem a reconstrução da experiência das mulheres em sociedade, que no processo relacional complexo e contraditório com os homens têm desempenhado um papel ativo na criação de sua própria história.

Finalmente, uma outra vertente sobre a qual busco, atualmente, verticalizar minha investigação reside no exame da produção literária feminina da virada do século. Pretendo, assim, apreender as tensões de gênero que marcam esse período, igualmente, através da leitura/análise das representações veiculadas em textos produzidos por mulheres, que até certo ponto fazem face aos discursos masculinos, constituindo-se num testemunho de um dado estado de sua consciência de gênero. Assim, pretendo privilegiar o outro lado da questão: as réplicas femininas. Com vistas a este objetivo, devo estar atenta à inserção dessas autoras no processo histórico de seu tempo, do qual são, simultaneamente, sujeitos e intérpretes.

Não apenas buscarei cotejar as próprias colocações dessas autoras em seus diferentes escritos, como pretendo, igualmente, apresentar uma comparação entre suas posições. Assim, tentarei captar a tensão existente entre o fato de que, embora todas sejam frutos de uma mesma cultura e estejam vivendo, aproximadamente, no mesmo tempo e lugar, esta não incide da mesma forma sobre esses diversos sujeitos e o gênero por si só não seria suficiente para garantir uma identidade entre elas. Há que se considerar outras demarcações: de classe, de geração, de etnia etc., acarretando a existência de múltiplas identidades, daí as diferenças já percebidas entre essas literatas. Ao mesmo tempo, cabe con-

## GÊNERO

siderar, para além da existência de uma estrutura subordinando as ações de homens e mulheres, a presença de um espaço indeterminado em que estes atuam como sujeitos, buscando intervir para modificar a história, segundo seus desejos.

*Abstract: This study analyses the way gender relations in Rio de Janeiro were depicted in written and iconographic records covering the crucial period of the second half of 19<sup>th</sup> century and the first four decades of 20<sup>th</sup> century. Special attention is given to male opposition to women demands to participate in public affairs, which took several forms: subtle exaltations of the women's tenderness and overt mockery of women actions directed to a full engagement in social life. This investigation also considers the women's positions and attitudes in this conflict, the reactions and replies they made public.*

*Key-words: female images, gender relations, social representations.*